# No Fim da Mesa Comprida

*De um lugar à mesa a um lugar na vida de alguém*



Laura Bellini

# No Fim da Mesa Comprida

De um lugar à mesa a um lugar na vida de alguém

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903612

ALL-IN Rafał Płonkowski



# ÍNDICE

INTRO ..... 4
Capítulo 1 - As Regras à Mesma Mesa ..... 12
Capítulo 2 - O Sabor da Confiança ..... 24
Capítulo 3 - Quando a Porcelana Racha ..... 36
Capítulo 4 - Depois do Expediente ..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não ..... 58
Capítulo 6 - Entre Uma Respiração e Outra ..... 68
Capítulo 7 - O Que Não Dissemos ..... 81
Capítulo 8 - Onde Não Precisamos Fingir ..... 91
Capítulo 9 - Doze Lugares, Uma Decisão ..... 101
Capítulo 10 - Um Lugar para Dois ..... 113
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Pressa ..... 124
Capítulo 12 - O Preço de Uma Boa Ideia ..... 134
Capítulo 13 - As Expectativas dos Outros ..... 145
Capítulo 14 - A Verdade Tem Seu Peso ..... 156
Capítulo 15 - Uma Promessa Feita em Nome de Dois ..... 167
Capítulo 16 - O Lugar Vazio ..... 179
Capítulo 17 - Com as Próprias Mãos ..... 189
Capítulo 18 - O Preço da Liberdade Recuperada ..... 200
Capítulo 19 - O Que Realmente Pertence a Nós ..... 212
Capítulo 20 - Um Lugar à Mesa, Um Lugar na Vida ..... 224

# INTRO

Coloquei a primeira cadeira a exatamente trinta centímetros da parede. A segunda ficou um pouco mais perto da mesa, porque uma das tábuas do piso era irregular e eu não queria que ninguém ficasse balançando durante o jantar. Na terceira, demorei um pouco mais. Não porque houvesse algo errado com ela. Eu simplesmente não conseguia decidir se deveria colocá-la de frente para a janela ou deixá-la entre as outras duas.

Eu sabia que aquilo era absurdo. Tinha trinta e seis anos, meu próprio ateliê de cerâmica, um financiamento para pagar o forno, cuja prestação mensal fazia questão de me lembrar de sua existência com mais eficiência do que qualquer despertador, e ali estava eu, pensando na posição de uma cadeira como se meu futuro dependesse disso.

De certa forma, dependia.

A comprida mesa de carvalho ocupava quase toda a parte central do ateliê. Eu a havia comprado de um marceneiro dos arredores de Świdnica, que passou meia hora tentando me convencer de que o tampo era pesado demais para uma mulher sozinha. É claro que eu não pretendia carregá-lo sem ajuda, mas gostei do fato de parecer um objeto que ninguém conseguiria deslocar facilmente. Depois de anos trabalhando em encomendas de outras pessoas, eu precisava de algo permanente. Um lugar onde fosse eu quem decidisse o que seria criado, quem entraria e quando finalmente poderia fechar a porta.

Do lado de fora das janelas, a chuva de novembro embaçava a vista das colinas. O antigo ateliê de tijolos ficava nos arredores de uma pequena cidade perto de

Wałbrzych. Antes, ali funcionava uma marcenaria. Agora, o ambiente tinha cheiro de argila, madeira, forno aquecido e um toque de alecrim que eu deixava secando acima da bancada da cozinha.

Coloquei o último prato sobre a mesa. Ele tinha a borda irregular e um esmalte da cor de vinho tinto escuro. Sob a luz da luminária, sua superfície parecia quase aveludada.

Era exatamente esse tipo de peça que eu queria produzir mais.

Não louças encomendadas em lotes de cem unidades idênticas. Não conjuntos elegantes feitos para ficar bonitos em catálogos. Eu queria criar cerâmicas que alguém tocasse antes da primeira garfada, percebendo o peso de uma tigela e a linha irregular de sua borda. Queria ver meus objetos se tornarem parte de encontros verdadeiros.

Foi por isso que tive a ideia dos jantares.

Doze lugares ao redor de uma única mesa. Uma vez por mês. Comida simples, preparada ali mesmo, conversas sem pressa e peças de cerâmica criadas especialmente para cada noite. O primeiro jantar aconteceria dali a três semanas.

A lista de convidados já tinha nove nomes.

Só faltava o cozinheiro.

Meu celular vibrou no parapeito da janela.

— Apolonia, pelo amor de Deus, atende — disse Marta, antes mesmo que eu conseguisse cumprimentá-la.

Minha amiga tinha um talento especial para começar conversas pelo meio dos acontecimentos.

— Se está ligando por causa das cadeiras, já tenho todas.

— Estou ligando por causa do homem que pode salvar você.

— Não preciso ser salva.

— Precisa de alguém que cozinhe para doze pessoas, não coloque fogo na sua cozinha e não exija metade do faturamento.

Passei a ponta do dedo pela borda do prato.

— Nisso você tem razão.

— O nome dele é Wawrzyniec Maj. Quarenta e um anos, excelente cozinheiro, trabalhou em Wrocław. Agora está desenvolvendo os próprios projetos. Conversei com ele. Está interessado.

— O que significa "interessado"?

— Significa que ele vai chegar aí em quinze minutos.

Endireitei a postura.

— Marta.

— Antes que você comece, já aviso que mandei seu projeto para ele. Só aquela descrição curtinha que você mesma preparou.

— Você devia ter conversado comigo primeiro.

— Tentei durante quatro dias. Todas as vezes você disse que estava dando conta de tudo perfeitamente.

Olhei para os nove nomes escritos e presos ao quadro de cortiça.

— Porque estou dando conta.

— Então encare isso como uma conversa com alguém que quer conhecer você profissionalmente.

— Não gosto de surpresas.

— Eu sei. Por isso avisei com quinze minutos de antecedência.

Ela desligou antes que eu pudesse responder.

Fiquei imóvel por alguns instantes, com o celular na mão. Havia seis meses eu construía aquele lugar de acordo com minhas próprias ideias. Cada decisão tinha sido minha, desde a cor das paredes até o tipo de madeira usado nas prateleiras. Mesmo quando o dinheiro ficava curto, eu sentia satisfação em saber que não precisava convencer ninguém.

Agora, um desconhecido entraria ali e começaria a falar sobre uma comida que eu não sabia preparar no nível que esperava daqueles encontros.

Eu não gostava de depender das habilidades dos outros.

Especialmente quando realmente precisava delas.

Consegui guardar a caixa de papelão da última entrega de esmaltes, lavar as mãos e ajeitar o cabelo preso de qualquer jeito na nuca antes de ouvir as batidas na porta.

Abri.

O homem parado na entrada usava um casaco escuro, tinha os cabelos úmidos e segurava uma sacola de papel em uma das mãos. Não parecia alguém que tivesse vindo apresentar suas conquistas profissionais. Lembrava mais um homem voltando da feira que, no caminho, decidira conferir se realmente existia um ateliê naquele endereço.

— Apolonia Kłos? — perguntou.

— Sim.

— Wawrzyniec Maj. Marta disse que a senhora precisa de um cozinheiro.

— Marta às vezes confunde necessidade com o próprio entusiasmo.

Ele esboçou um sorriso.

— Conheço bem isso. Ela me disse que eu precisava ver sua mesa de qualquer jeito.

Afastei-me para deixá-lo entrar. Ele tirou o casaco, sacudiu cuidadosamente a água das mangas e só então olhou ao redor.

Não dirigiu o olhar primeiro ao forno, nem às prateleiras cheias de cerâmicas.

Olhou para a mesa posta.

— Doze lugares? — perguntou.

— Exatamente.

Ele se aproximou. Parou na extremidade do tampo, onde eu havia colocado uma única tigela de uma coleção ainda inacabada.

— Bonita — comentou.

— Obrigada.

Ele pegou a tigela, mas antes olhou para mim, pedindo permissão com os olhos. Assenti. Girou a peça entre os dedos, avaliou seu peso e a acomodou na palma da mão com tanta naturalidade que parecia usar objetos semelhantes todos os dias.

— Não é só uma questão de aparência — observou. — Ela se encaixa bem na mão. Quem a usar vai querer segurá-la por mais tempo do que o necessário.

Aquela foi a primeira frase da noite que realmente me surpreendeu.

— Era exatamente essa a intenção — respondi.

— Então talvez a gente consiga se entender.

Ele colocou a tigela exatamente no mesmo lugar de onde a havia retirado.

Só então percebi que não tinha pressa em apresentar suas próprias ideias. Observava tudo com atenção, como se tentasse compreender aquele espaço antes de fazer qualquer proposta. Tinha uma voz grave e tranquila, e pequenas rugas ao redor dos olhos que se acentuavam quando sorria. Não era o tipo de homem que imediatamente ocupa todo o ambiente. Ainda assim, sua presença havia mudado alguma coisa ali.

— O que o senhor trouxe? — perguntei, apontando para a sacola.

— Pão. Queijo. Peras.

— Para uma entrevista de emprego?

— Mais para uma conversa à mesa. Não gosto de falar sobre comida de estômago vazio.

Comecei a rir antes mesmo de decidir se queria demonstrar simpatia por ele.

Wawrzyniec tirou um pequeno pão, dois pedaços de queijo e algumas peras maduras. Arrumou tudo sobre a tábua que lhe entreguei. Quando estendeu a mão para pegar a faca, interrompeu o movimento.

— Posso?

— Claro.

Ele cortou o pão sem pressa, com movimentos precisos e econômicos. Não tentou transformar aquela tarefa simples em um espetáculo. Entregou-me a primeira fatia, coberta com queijo e uma lâmina fina de pera.

Experimentei.

O sabor era delicado, salgado e doce ao mesmo tempo. Comum e, ainda assim, inesperadamente marcante.

— Está bom — admiti.

— Que bom. Por enquanto, não tenho nada mais convincente para oferecer.

Ele só se sentou quando indiquei uma cadeira. Escolheu aquela na ponta da mesa, perto da janela. O lugar que eu havia deixado vazio durante o dia inteiro, sem saber sequer se deveria existir ali.

— Marta comentou que a senhora tem um planejamento muito detalhado — disse.

— Tenho.

— Gostaria de conhecê-lo. Mas, antes de começarmos, queria saber uma coisa.

Deixei a tigela sobre a mesa.

— O quê?

— Esta mesa foi feita para servir à sua ideia ou às pessoas que vão se sentar ao redor dela?

Não gostei da pergunta. Não porque tivesse sido grosseira. Pelo contrário, ele a fizera com tranquilidade, sem a menor intenção de provocar. Ainda assim, tocou em alguma coisa que eu não soube identificar de imediato.

— Uma coisa não exclui a outra — respondi.

— Espero que não.

Lá fora, a chuva ficou mais intensa. Wawrzyniec partiu um pedaço de pão e aguardou minha resposta como se ela realmente tivesse importância para ele.

Olhei para aquele homem que eu não pretendia convidar e para a cadeira que, apenas uma hora antes, havia pensado em encostar na parede.

Pela primeira vez em muito tempo, tive a sensação de que alguém talvez conseguisse enxergar no meu plano algo que eu mesma ainda não havia percebido.

E foi justamente isso que me pareceu perigoso.

Porque, se eu permitisse que ele permanecesse àquela mesa, será que conseguiria abrir espaço para ele também naquele lugar da minha vida onde, até então, eu não havia deixado ninguém entrar?

# Capítulo 1 - As Regras à Mesma Mesa

Na manhã seguinte, encontrei sobre o tampo de carvalho uma folha escrita com a caligrafia característica de Wawrzyniec, ligeiramente inclinada.

"Doze pessoas. Um jantar. Nenhum convidado que se sinta menos importante do que os pratos."

Embaixo, ele havia anotado seu número de telefone e uma frase curta: "Se ainda quiser conversar sobre trabalharmos juntos, estarei aí na quinta-feira, às dez".

Era quinta-feira, nove e dezessete da manhã.

Fiquei pensando se deveria interpretar aquilo como uma demonstração de autoconfiança ou um simples descuido. Wawrzyniec havia ido embora tarde na noite anterior, depois de quase duas horas de conversa, durante as quais conseguimos discordar sobre o número de pratos do menu, a temperatura da louça e até a conveniência de servir comida em peças de cerâmica que os convidados poderiam comprar. No entanto, não tínhamos chegado a nenhuma decisão definitiva. Eu apenas dissera que precisava pensar nas propostas dele.

Pelo visto, ele havia concluído que uma noite seria suficiente para isso.

Meu celular vibrou antes que eu decidisse se deveria ligar.

"Posso levar legumes para fazermos um teste. Só preciso que você confirme que não vai me expulsar."

Sorri sem querer.

"Não prometo nada. Venha às dez."

Ele respondeu quase imediatamente.

"Vou correr o risco."

Deixei o celular de lado e olhei ao redor do ateliê. À luz da manhã, tudo parecia diferente da noite de sua primeira visita. Sobre as bancadas de trabalho havia tigelas inacabadas, pincéis secavam perto da pia e, pela porta entreaberta do depósito, era possível ver caixas cheias de argila. Não era um espaço preparado para receber clientes. Era o meu lugar, com toda a desordem, o esforço e as imperfeições que eu não pretendia esconder de ninguém.

Exatamente às dez, ouvi um carro chegando.

Wawrzyniec entrou carregando duas caixas de legumes. Usava um suéter escuro, tinha as mangas dobradas e os sapatos ainda mostravam vestígios de lama. Não parecia particularmente preocupado com o fato de estar entrando, pela segunda vez, no espaço de uma mulher que ainda não havia decidido se queria trabalhar com ele.

— Bom dia, Apolonia — disse.

Parei ao lado da mesa.

— Já estamos nos tratando pelo primeiro nome?

— Ontem você me disse que não gosta quando alguém a chama de "senhora Kłos". Achei que valia a pena lembrar.

Não tive uma resposta pronta. Eu realmente havia dito aquilo. Ele também se lembrava de que eu detestava salsa acrescentada a tudo apenas para dar cor. Era difícil decidir se aquela atenção aos detalhes era encantadora ou perigosa.

— E se eu não me lembrar de ter permitido que me chamasse pelo primeiro nome?

— Posso começar de novo.

— Não precisa.

Ele colocou as caixas sobre uma bancada livre e tirou delas cenouras, aipo-rábano, beterrabas e algumas abóboras pequenas.

— Gostaria de testar como suas peças se comportam com comida quente.

— Minhas peças se comportam muito bem.

— Acredito. Quero saber como a comida se comporta.

Aproximei-me da mesa e peguei o fichário que havia preparado. Dentro dele estavam o cronograma do primeiro jantar, uma sugestão de cardápio, o orçamento e o projeto dos convites. Eu havia passado mais noites preparando aquele material do que gostaria de admitir.

— Antes de começarmos a cozinhar qualquer coisa, precisamos estabelecer algumas regras — anunciei.

Wawrzyniec olhou para o fichário e depois para mim.

— Parece sério.

— Porque levo isso a sério.

— Eu também.

Abri a primeira página.

— Os jantares vão acontecer aqui. Doze pessoas, uma vez por mês. Um único menu para todos, sem mudanças improvisadas de última hora. Cada encontro estará ligado a uma coleção diferente de cerâmica. Os convidados terão a oportunidade de conhecer o processo de criação das peças e comprar alguns objetos selecionados.

— E a comida?

— É claro que será importante.

— Não perguntei se será importante. Perguntei qual será o lugar dela.

Levantei os olhos.

— Não entendi.

Ele apoiou as mãos na borda da mesa, mantendo uma distância confortável entre nós.

— Se você convida pessoas para jantar, a comida não pode ser apenas uma maneira de apresentar a cerâmica. As pessoas chegam com fome. Trazem suas histórias, suas expectativas e, às vezes, um dia ruim. Precisam receber algo além de uma exposição bem planejada.

Senti aquela necessidade familiar de me defender. Durante muitos anos, ouvi clientes dizendo que minhas peças eram simples demais, irregulares demais ou pouco elegantes. Agora alguém estava sugerindo que, mesmo dentro do meu próprio ateliê, eu poderia transformá-las em simples decoração.

— Não estou montando uma exposição — respondi friamente. — Quero criar uma experiência que não se encontra em um restaurante.

— Nesse caso, queremos coisas parecidas.

— Não é o que parece.

— Porque começamos discutindo quem vai controlar os detalhes, em vez de pensar no que queremos oferecer aos convidados.

Fechei o fichário.

— Wawrzyniec, conheço você desde ontem. Não posso entregar metade do meu projeto só porque sabe fazer bons sanduíches.

Ele riu baixinho.

— Eram tão bons assim?

— Não mude de assunto.

Sua expressão ficou séria.

— Não estou pedindo metade do seu ateliê. Estou pedindo responsabilidade pelo meu próprio trabalho. Se vou preparar a comida, preciso ter liberdade para criar o cardápio e o direito de dizer quando alguma ideia não vai funcionar.

— E se eu discordar da sua avaliação?

— Conversamos. Você entende de cerâmica, eu entendo de cozinha. Não precisamos fingir que cada um sabe tudo sobre o trabalho do outro.

Não havia condescendência em sua voz. Isso me irritava mais do que se ele estivesse tentando me dominar. Teria sido mais fácil recusar um homem arrogante. Wawrzyniec, porém, falava com tranquilidade, e seus argumentos faziam sentido.

Durante alguns instantes, ficamos nos observando por cima da mesa.

— Tenho uma condição — disse ele, por fim.

— Só uma?

— Para começar.

Cruzei os braços.

— Estou ouvindo.

— Durante os jantares, ninguém será tratado como um possível cliente da sua loja. Se alguém se interessar pelas peças, ótimo. Mas não quero que você interrompa uma conversa sobre comida para explicar quanto custa um prato.

— Não pretendo empurrar nada para ninguém.

— Acredito em você. Só quero que nós dois saibamos onde está o limite.

Por um momento, tive vontade de responder que, dentro do meu ateliê, era eu quem estabelecia os limites. Em vez disso, abri o fichário e anotei a condição dele na margem.

— Tudo bem. Mas, nesse caso, também tenho uma condição. Você não muda o caráter do evento sem conversar comigo. Nada de acrescentar lugares à mesa, nada de produtos patrocinados e nada de aumentar o número de convidados porque alguma pessoa importante quer levar os amigos.

Wawrzyniec assentiu.

— Justo.

— E nada de truques de restaurante.

— O que você considera truques?

— Fumaça, espuma, três folhinhas num prato enorme e uma explicação de cinco minutos sobre por que a porção é tão pequena.

Ele me observou por alguns segundos e então soltou uma gargalhada de verdade.

— Nesse caso, encontrou a pessoa certa. Detesto ter que explicar às pessoas por que elas deveriam continuar com fome.

A risada dele mudou o ambiente. Percebi que meus ombros haviam relaxado. Isso não significava que eu tivesse baixado a guarda, mas, pela primeira vez, considerei a possibilidade de que aquela conversa pudesse nos levar a algo além de tentativas de convencer um ao outro de que estávamos certos.

Fomos para a parte do ateliê destinada à cozinha. Wawrzyniec pediu dois recipientes, uma faca e acesso ao forno. Não fez comentários sobre os equipamentos, embora eu soubesse que estavam muito longe dos de uma cozinha profissional. Verificou a temperatura do forno, examinou a bancada e perguntou onde eu guardava o sal.

— À esquerda, no armário — respondi.

Ele abriu a porta certa sem fazer mais perguntas.

— E por que escolheu esse tom de vinho? — perguntou, apontando para os pratos.

— Porque me lembra a argila depois da primeira queima. Antes de tudo ser coberto pelo esmalte.

— Então não tem nada a ver com vinho?

— Nem tudo precisa estar relacionado à comida.

— É verdade.

A resposta foi tão simples que olhei para ele com desconfiança.

— Não vai discutir?

— Não sobre tudo.

Trabalhava com eficiência. Cortava os legumes, distribuía-os na assadeira e misturava azeite, sal e ervas. Depois de algum tempo, entregou-me uma colher e pediu que eu provasse o molho que havia preparado.

Estava ácido demais.

Disse isso sem rodeios.

— Eu sei — respondeu. — Queria ver se você perceberia.

— Está me testando?

— Estou descobrindo como você conversa sobre algo de que não gosta.

— Poderia simplesmente ter perguntado.

— Nesse caso, você diria que é sempre sincera.

Devolvi-lhe a colher.

— Estou começando a entender por que você trabalha por conta própria.

— Porque é difícil me aguentar?

— Porque nenhuma pessoa sensata iria querer ser seu chefe.

Ele me lançou um olhar de aprovação.

— Já ouvi isso algumas vezes.

Enquanto os legumes assavam, organizamos os lugares à mesa para um teste. Wawrzyniec deslocava os pratos, verificava as distâncias e observava como a luz incidia sobre o esmalte. Em determinado momento, retirou uma das minhas maiores travessas da extremidade da mesa.

— Vamos deixar esta no centro.

— Por quê?

— Porque vai fazer as pessoas passarem a comida umas para as outras.

— E se alguém não gostar de compartilhar?

— Então vai passar a travessa adiante. Ainda assim, será uma forma de interação.

Observei suas mãos. Eram largas, com uma pequena cicatriz perto do polegar. Seus movimentos eram seguros, mas ele tratava meus objetos com cuidado. Ao colocar a travessa de volta, verificou primeiro se não havia ficado

nenhum grão de sal embaixo que pudesse arranhar o esmalte.

Aquele pequeno gesto me tocou mais do que eu gostaria de admitir.

— Você é sempre tão cuidadoso? — perguntei.

— Não. Só quando alguma coisa é importante.

— Então a travessa é importante?

Ele olhou para mim.

— O trabalho de alguém é importante.

Desviei os olhos para a janela. Lá fora, a chuva havia parado, e uma faixa estreita de luz surgia entre as nuvens. Por alguns instantes, não soube o que responder. Wawrzyniec não tentou preencher meu silêncio. Voltou ao forno e verificou os legumes.

À tarde, sentamo-nos frente a frente para experimentar o prato que havíamos preparado. A abóbora assada tinha as bordas levemente douradas, e o molho, corrigido com um pouco de mel, havia ficado exatamente como precisava. Sobre meu prato cor de vinho, os tons dos ingredientes pareciam intensos, mas naturais.

— Poderia ser a entrada — comentei.

— Poderia.

— Você tem mais alguma objeção?

— Tenho uma ideia. Acrescentaria algo crocante. Mas primeiro quero saber o que você acha.

Experimentei mais uma garfada.

— Nozes?

— Óbvio demais.

— Trigo-sarraceno torrado?

Ele interrompeu o movimento do garfo.

— É exatamente por isso que vale a pena trabalhar com você.

Eu não estava preparada para um elogio feito daquela maneira. Sem entusiasmo exagerado, sem esperar agradecimento. Ele simplesmente havia reconhecido que minha ideia era boa.

Alguns minutos depois, o celular dele tocou. Vi o nome "Horyzont" na tela antes que ele virasse o aparelho.

— Desculpe. Preciso atender.

Ele saiu. Pela janela, consegui vê-lo conversando sob a cobertura e, depois, olhando para a tela por um longo momento. Quando voltou, parecia tão tranquilo quanto antes, mas guardou o telefone no bolso mais depressa do que havia feito anteriormente.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Uma questão profissional. Nada com que você precise se preocupar agora.

Não insisti. Não devíamos nada um ao outro além de uma conversa honesta sobre uma possível parceria.

No final do encontro, anotei no meu caderno três pratos possíveis e uma lista do que seria necessário para o primeiro jantar. Wawrzyniec me apresentou sua estimativa de custos dos ingredientes, e eu mostrei o orçamento que não queria ultrapassar.

— Não é muito alto — admiti.

— Será suficiente se formos sensatos.

— Não quero fazer nada pela metade.

— Não precisamos. Um jantar pequeno não é uma versão inferior de um restaurante grande.

Olhei para ele por cima do caderno.

— Você realmente acredita nisso?

— Se eu quisesse administrar um restaurante grande, estaria procurando um imóvel neste momento. Mas estou aqui, conversando com você sobre doze pratos.

Havia algo em suas palavras que eu ainda não conseguia identificar. Um desejo de simplicidade? Cansaço do trabalho que vinha fazendo? Ou apenas uma avaliação profissional? Não o conhecia o suficiente para perguntar.

Quando começou a recolher suas coisas, eu o detive perto da porta.

— Wawrzyniec?

Ele se virou.

— Sim?

— Quero tentar. Com você.

Durante alguns instantes, ele me observou sem sorrir, como se quisesse ter certeza de que havia entendido corretamente.

— Em quais condições?

— Vamos preparar o primeiro jantar juntos. Se os dois acharmos que funciona, conversaremos sobre a série inteira de encontros. Não vou prometer nada antecipadamente.

— Sensato.

— E não vou deixar você mudar todos os móveis do ateliê de lugar.

— Nem se eu encontrar um lugar melhor para a mesa?

— Principalmente nesse caso.

Ele sorriu.

— Então vou ter que aprender a trabalhar com o que tenho.

Seu olhar permaneceu no meu rosto um pouco mais do que a conversa exigia. Não havia insistência nele. Era mais um interesse que ele não tentava esconder. Senti que poderia corresponder da mesma forma, mas ainda não queria descobrir aonde aquilo nos levaria.

— Até mais, Apolonia.

— Até mais.

Fechei a porta depois que ele saiu e voltei à mesa.

Sobre o tampo haviam ficado dois pratos, dois copos de água e uma pequena tigela de trigo-sarraceno torrado que tínhamos conseguido preparar para experimentar. Pela primeira vez em muitos meses, meu plano já não pertencia exclusivamente a mim.

Eu deveria ter sentido inquietação.

Em vez disso, sentei-me na cadeira da ponta da mesa e comi o último pedaço de abóbora, perguntando-me quando voltaria a ouvir a voz dele.

# Capítulo 2 - O Sabor da Confiança

Na sexta-feira de manhã, recebi uma mensagem de Wawrzyniec com a lista de compras necessária para o primeiro teste do cardápio. Não havia comentários desnecessários nem demonstrações de conhecimento profissional. Ao lado de cada produto, ele havia indicado um preço aproximado e, no final, acrescentado: "Se alguma coisa ultrapassar o orçamento, mudamos o ingrediente, não a qualidade".

Li aquela frase várias vezes.

Em meu trabalho até então, a palavra "compromisso" quase sempre significava que alguém queria pagar menos e receber exatamente a mesma coisa. Wawrzyniec parecia entendê-la de outra maneira. Como a busca de uma solução que não exigisse fingir que as limitações não existiam.

Respondi que aceitava a maioria das sugestões, mas precisava conversar sobre sua remuneração e sobre a responsabilidade pela organização da noite.

Ele ligou dez minutos depois.

— Podemos nos encontrar à tarde — propôs. — Não no ateliê. Gostaria de mostrar a você um lugar de onde compro parte dos ingredientes.

Hesitei.

— Isso é necessário?

— Não. Mas talvez ajude você a entender como trabalho.

— Onde?